

A página dedicada a Rilke por Leo Gilson Ribeiro no Jornal da Tarde do dia 19 de abril suscita o problema dos juízos de valor relativos à poesia de maneira concreta e imediata. Considerem o título dado à página: Rilke ou a melhor poesia alemã deste século, e considerem a seguinte afirmativa contida no texto: Só um poeta pode traduzir outro poeta. E não é caso destas "Elegias", (referindo-se à tradução das Elegias de Duino por Dora Ferreira da Silva). Há critérios que permitem dizer que não existe poeta "melhor" que Rilke na poesia alemã do século 20, e que Dora Ferreira da Silva não é poeta? E se tais critérios existem, são objetivos, subjetivos, ou são mistura das duas coisas? Em outras palavras: quando Gilson Ribeiro afirma o que afirma, está ele dizendo: todos que lêem Rilke concordam ser ele o melhor poeta, e todos que lêem Dora Ferreira concordam que ela não é poeta? Ou estará dizendo: eu gosto muito de Rilke e nem um pouco da Dora, e não sei dizer porque isto acontece? Ou, finalmente, estará dizendo: admito que se trata de preferência pessoal, mas creio que posso sustentar tal preferência com argumentos aceitáveis por muitos?

E de se supor que a terceira alternativa é o caso. Acontece, no entanto, que o texto não oferece argumentos que sustentem a tese ser Rilke aquilo que Gilson Ribeiro afirma. Provavelmente conta ele com consenso comum a respeito. Mas se assim fôr, está enganado. Dizer, como diz, que depois de Goethe e Hoelderlin não há poeta de igual estatura até Rilke é dizer algo enormemente arriscado, e duvido que muitos concordarão com isto. Porque isto significa, entre outras coisas, negar tal estatura a todo o romantismo. E quanto ao século 20, há vozes que afirmam ser Rilke apenas um epígono, e que a verdadeira revolução na poesia alemã do século, a revolução formal, se dá com desprezo a Rilke. Sinto-me à vontade em afirmar isto, porque pessoalmente vibro com Rilke, embora admita os argumentos mencionados. Em suma: O consenso geral quanto à estatura de Rilke não existe, e Gilson Ribeiro está obrigado a fornecer seu critério de juízo de valor, sob pena de total subjetividade.

O caso do seu juízo quanto a Dora Ferreira da Silva é outro. Há argumentos no texto que procuram provar não ser sua tradução das Elegias "bôa", e, aparentemente em consequência disto, não ser ela poeta. Os argumentos se desdobram, se os entendi bem, em três linhas distintas. A primeira afirma não ser a tradução fiel ao original quanto ao significado, a segunda não ser ela fiel ao original quanto a seu clima, ("Stimmung"), e a terceira ser ela banalização e kitschização de Rilke. É muito curioso isto, porque as três linhas da argumentação se contradizem mutuamente. A primeira parece sugerir que a fidelidade ao significado foi sacrificada para conservar o clima, a segunda que a fidelidade ao clima foi sacrificada para conservar o significado, e a terceira que nem um nem outro é o caso, mas que se trata de tentativa de prosaizar o texto. A primeira linha sugere que se trata de tradução "poética", a segunda que se trata de tradução literal, e apenas a ter-

VILÉM FLUSSER

ceira que se ~~trata~~ trata de "má poesia". Embora contraditórias, as três linhas do argumento podem ser justas, tôdas. Mas não tôdas simultâneamente. Dependem do ponto de vista de quem argumenta, e este é obrigado a escolher um entre os pontos de vista. Não pode ocupar os três simultâneamente. Que isto sirva de ilustração do problema dos critérios em poesia.

Para exemplificar o afirmado, tomem um dos trechos citados por Gilson Ribeiro. "Aber das Wehende hoere, die ununterbrochene Nachricht, die aus Stille sich bildet". Dora traduziu: "Mas ouve essa aragem, a incessante mensagem, que gera o silêncio!" A tradução literal seria talvez esta: "Mas ouça aquilo que sopra, a mensagem ininterrupta, que se forma a partir do silêncio". Gilson Ribeiro sugere: "...que se forma com o silêncio, ou formada pelo silêncio". A diferença entre as três é esta: A tradução de Dora está literalmente errada, mas conserva a ambivalência do texto. Em alemão "aus Stille" pôde significar "a partir, ou de, ou com", e em português "que gera o silêncio" pode significar "silêncio é causa, ou é efeito". A minha tradução prosaiza, já que escolhe entre os significados possíveis apenas um, mas é correta. A tradução de Gilson Ribeiro se parece com minha, apenas escolhe um significado menos óbvio, e neste sentido é menos correta. Mas o importante é isto: Minha tradução e a de Gilson Ribeiro ignora a melodia do original, que é uma variação sobre os temas "h", (na primeira parte,), e "s", (na segunda). A tradução da Dora conserva o "s", e, ao dizer "ouve" em vez de "ouça", sugere também o tema "h" pelo "v" em "ouve". De modo que se poesia fôr trabalhar palavras, a tradução de Dora é poetica, (embora se possa discutir a legitimidade do esforço).

E isto prova o seguinte: Pode haver critérios mais ou menos objetivos para julgar poesia. Mas tais critérios são objetivos apenas depois de assumido determinado ponto de vista. Quem quer julgar objetivamente, é obrigado a revelar seu ponto de vista e mantê-lo pelo menos durante o argumento. Do contrário, seu juízo será não apenas mera articulação de subjetividade, mas também de uma subjetividade internamente inconsistente. De maneira que o artigo de Gilson Ribeiro é lição de como fazer, (ou não fazer), crítica de poesia.